



ESTADOS UNIDOS

Bannon condenado

Juiz sentencia um dos mentores da campanha de Donald Trump a quatro meses de prisão por se recusar a prestar depoimento sobre a invasão ao Capitólio. Guru do bilionário vai recorrer em liberdade. Ex-presidente deve depor na Câmara no próximo mês

» RODRIGO CRAVEIRO

Steve Bannon — o guru de Donald Trump e da extrema direita nos Estados Unidos e um dos responsáveis por levar a magnata republicana à Casa Branca — foi condenado ontem a quatro meses de prisão por desafiar uma intimação para depor no comitê de investigação da Câmara dos Representantes sobre a invasão ao Capitólio, em 6 de janeiro de 2021. O juiz federal Carl Nichols também determinou a Bannon o pagamento de multa de US\$ 6,5 mil (cerca de R\$ 33,5 mil). O comitê intimou Trump a prestar depoimento depois de 14 de novembro. Também ontem, o jornal *The Washington Post* divulgou que documentos secretos apreendidos pelo FBI (polícia federal dos EUA) em Mar-a-Lago, a residência do ex-presidente na Flórida, continham material “altamente sensível” sobre China e Irã.

“Hoje foi dia do meu julgamento perante o juiz”, declarou Bannon à imprensa, ao sair do prédio da Corte Federal, em Washington. “Em 8 de novembro será julgado o regime ilegítimo de Biden. E sabemos em que

direção isso vai. O governo Biden termina na noite de 8 de novembro”, assegurou, ao mencionar as eleições legislativas de meio de mandato nos Estados Unidos, que podem levar os republicanos a conquistarem a maioria no Senado e na Câmara.

No começo da audiência, o juiz disse que Bannon não mostrou “nenhum remorso por suas ações” e que “ainda precisa demonstrar que tem a intenção de cumprir com a intimação”. Durante sua chegada, o ex-assessor de Trump foi recebido aos gritos de “fascista” e “traidor”.

Em entrevista ao *Correio*, Benjamin R. Teitelbaum — professor da Universidade de Colorado Boulder e autor de *War for eternity: Inside Bannon's Far-Right Circle of Global Power Brokers* (“Guerra pela eternidade: Por dentro do círculo dos figurões globais da extrema direita de Bannon”, pela tradução livre) — disse que a Justiça tentou transmitir uma mensagem aos ultraconservadores de que eles não estão acima da lei e que serão processados por ações ilegais. “No entanto, a sentença imposta a Steve Bannon aumenta o ressentimento da extrema direita em relação ao Estado e alimenta suas crenças de

Chip Somodevilla/Getty Images/AFP



Bannon deixa a Corte Federal, em Washington: “Em 8 de novembro será julgado o regime ilegítimo de Biden”

que ela tem sido alvo de instituições injustas.”

De acordo com Teitelbaum, Bannon ainda opera como fomentador de uma rede de contatos, dentro da extrema direita,

e como personalidade midiática. “Os membros do comitê de investigação da Câmara suspeitavam que Bannon desempenhou papel crucial no ataque ao Capitólio, pois seu podcast serviu

como um megafone para todas as vozes mais extremas do movimento pró-Trump”, observou. “Desde aquele 6 de janeiro de 2021, o podcast de Bannon manteve-se como ponto focal para

essas vozes. Tanto que suspeito que sua prisão possa ter impacto negativo sobre a consolidação, a mobilização e as perspectivas dessa ala do conservadorismo norte-americano.”

Vítima

James Naylor Green, historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island), afirmou à reportagem que Bannon tenta se passar por vítima, a fim de criticar o governo do democrata Joe Biden. “Tanto que ele citou as eleições de novembro, após a audiência. Como é possível que a Câmara se torne de maioria republicana, Bannon usou isso para justificar sua posição.”

Para Green, o guru de Trump busca manter-se, dentro da direita, como uma voz radical e intransigente contra o governo de Biden. “Ele ganha muito dinheiro com isso, pois tem um podcast e, no passado, arrecadou doações por motivos falsos. Bannon continuará a desafiar o comitê de investigação da Câmara movido por interesses particulares, mas também pelo desejo de reforçar a ultradireita nos Estados Unidos e no exterior”, comentou.

ITÁLIA

Extrema direita inicia governo com Meloni

A ultraconservadora e pós-fascista Giorgia Meloni, 45 anos, líder do partido Irmãos de Itália (extrema direita), tornou-se, ontem, a primeira mulher a ocupar o cargo de premiê do país — a terceira maior economia da União Europeia (UE) e país-membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). O presidente Sergio Mattarella recebeu Meloni no Palácio do Quirinal, em Roma, e confiou-lhe a tarefa de formar o novo governo. Pouco depois, ela anunciou os primeiros nomes para os ministérios.

Antonio Tajani, do partido Forza Italia, ocupará os postos de ministro das Relações Exteriores e de vice-premiê. Matteo Salvini, líder do partido ultraconservador A Liga, acumulará os cargos de titular da pasta da Infraestrutura e

de vice-premiê. Ficou a frustração por não ver atendido o seu desejo de se tornar ministro do Interior. O moderado Giancarlo Giorgetti, também da Liga, será o ministro da Economia e das Finanças. Aos 86 anos, o ex-primeiro-ministro Silvio Berlusconi ficou de fora do gabinete.

Professor do Instituto Europeu da London School of Economics and Political Science (LSE), o italiano Lorenzo Codogno visualiza dois possíveis cenários para o governo Meloni. “O primeiro deles implica que a premiê se moverá para o centro do espectro político e fará de um governo de centro-direita uma tendência. Isso inclui restabelecer os vínculos com o Partido Popular Europeu e se comportar como uma líder pró-UE. O outro cenário envolve a adoção de uma

agenda de extrema direita, o que isolaria a Itália. Acho a primeira hipótese mais provável, mas há riscos”, afirmou ao *Correio*.

Codogno avalia Meloni como uma política que, apesar de pragmática, poderá enviar acenos radicais, a fim de satisfazer simpatizantes. “Isso é provavelmente algo certo em temas menos ligados à economia, como as políticas de imigração”, observou. O especialista aposta que Berlusconi manterá influência externa, mas não se envolverá nas tratativas diárias do governo. “Tajani, por sua vez, será extremamente importante para garantir a sólida aliança entre a Otan e a Itália. Salvini terá a tarefa de apresentar projetos de infraestrutura.”

Maurizio Cotta — cientista político da Università Degli Studi Di Siena — disse à reportagem

não esperar que Meloni seja parecida com Jair Bolsonaro ou com Donald Trump. “Ela é uma política profissional, ambiciosa e de espírito forte, além de desejar permanecer no cargo por algum tempo. Na política externa, será a favor da Otan e da Ucrânia. Em relação à UE, a premiê tentará ser assertiva, mas evitará conflitos”, opinou. Para Cotta, Meloni será conservadora, mas também prudente com a agenda ideológica, especialmente sobre o tema do aborto. Ele aposta em uma política econômica mais nacionalista.

Angelo D’Orsi, cientista político da Universidade de Torino, declarou ao *Correio* que o primeiro gabinete liderado por uma mulher é um “paradoxo extraordinário”. “A política e a ideologia da esquerda defendem a igualdade de gêneros, mas a primeira

Ettore Ferrari/Ansa/AFP



A premiê Giorgia Meloni, entre Silvio Berlusconi (E) e Matteo Salvini (D)

mulher premiê é de extrema direita! No entanto, desde que foi apontada chefe de governo, Meloni mudou radicalmente de opinião. Agora, ela grita: ‘Somos a favor da Otan e da Europa!’,

lembrou. O estudioso espera mudanças na política dos direitos civis, o domínio do revisionismo histórico no debate público e a imposição dos ritos católicos, inclusive nas escolas. (RC)

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

À meia-luz, Europa redescobre o tango

Enquanto a Ucrânia sofre com os apagões, efeito dos bombardeios russos contra a infraestrutura elétrica, os aliados europeus pagam o preço pelo apoio ao governo de Kiev na guerra com o Kremlin. As sanções econômicas impostas à Rússia, principal fornecedora de gás natural, obrigam Alemanha, França, Itália e os demais parceiros na União Europeia a apagar as luzes e fechar os registros para fazer frente ao inverno que se aproxima. Medidas de restrição ao consumo, seja da indústria ou das famílias, estão no centro da agenda do bloco para enfrentar a crise energética.

Em Bruxelas, os ministros de Energia dos países-membros debatem um conjunto de medidas destinadas a segurar os preços do gás nas próximas semanas e meses, com a expectativa de temperaturas em baixa e maior demanda por aquecimento doméstico. Nas capitais europeias, cada governo costura iniciativas de sentido prático para poupar energia: redução ou remanejamento de jornadas de trabalho, restrições à iluminação pública, campanhas educativas — tudo para evitar o fantasma do racionamento.

Paris, famosa pela iluminação feérica das ruas e dos monumentos,

que um século atrás tornou célebre a música de Carlos Gardel, hoje invoca o título de um de seus tangos mais famosos, *A media luz*.

É a economia

Os desdobramentos da crise energética vão muito além da escassez, com seu impacto imediato no cotidiano. De saída, a disparada dos preços do gás produz altas em cadeia, e as principais economias europeias convivem hoje com taxas de inflação próximas aos dois dígitos — ou acima. A elevação dos custos, em geral, atinge em cheio diferentes ramos da indústria, inclusive aqueles essenciais para a transição à economia pós-carbono.

Golpeado em cheio na sua competitividade, o setor industrial se debate entre a perda potencial de mercados externos e as tensões domésticas com o sistema de

bem-estar social — o famoso welfare state, um dos cartões de visita da UE em sua estratégia de inserção no cenário internacional.

Ser ou não ser

Recém-saído do bloco, o Reino Unido se debate sozinho com o preço da guerra na Ucrânia, assim como remou sem parceiros contra a corrente da pandemia. O preço da decisão tomada em referendo, em junho de 2016, é sentido em todo seu alcance agora, passados menos de três anos da efetivação do Brexit — ainda com Boris Johnson como primeiro-ministro.

A sucessora de BoJo, como é chamado, durou meros 44 dias — o mandato mais curto na história britânica. Liz Truss caiu pela incapacidade de agregar sequer a maioria parlamentar conservadora em torno de seu plano econômico de

emergência. Quando assumiu, em setembro, o país sentia o impacto de uma onda de greves que atingiu distintos setores — em especial do serviço público — em agosto.

Foi o “verão do descontentamento”, mote rapidamente pescado pela imprensa britânica, parafraseando o inverno de 1978-1979, quando o alvo dos protestos foi um governo trabalhista. “Inverno do descontentamento” é o primeiro verso da tragédia Ricardo III, de William Shakespeare — o mesmo do dilema hamletiano “ser ou não ser”, que permeia agora as reflexões retrospectivas sobre o Brexit.

Furou o teto

Cinco anos depois de assinatura do histórico acordo de paz entre o Estado e a guerrilha das Farc, a Colômbia experimenta um novo surto na expansão das

áreas cultivadas com coca. Em 2021, a superfície plantada com a matéria-prima da cocaína cobria 204 mil hectares, um aumento de 43% sobre os 143 mil hectares do ano anterior e o número mais elevado desde que a ONU começou a monitorar a economia cocaleira.

O dado, consolidado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), contraria as expectativas de que a pacificação da maior organização armada ilegal, após meio século de guerra, abriria caminho para a erradicação da coca em alta escala. O novo presidente colombiano, Gustavo Petro, que tomou posse em agosto passado, está pressionado para apresentar em detalhes e pôr à prova sua estratégia de combate ao narcotráfico, anunciada em campanha como uma guinada de 180 graus após 50 anos de “guerra às drogas”.